

John H. Gagnon

UMA INTERPRETAÇÃO DO DESEJO

Ensaio sobre o estudo da sexualidade

Estas três questões:

1. nossa dependência, nos assuntos sexuais, de idéias não examinadas sobre a natureza e a biologia humanas;
2. o equilíbrio cambiante entre os gêneros; e
3. o cálculo dos prazeres

serão problemas situados no centro da vida cultural e das pesquisas sobre práticas sexuais na próxima década. Elas representam a continuidade e a mudança, antigos problemas a ser reformulados em circunstâncias novas, com uma mescla de idéias antigas e de novas transformações. São facilmente suscetíveis à adoção de posturas ideológicas, à encapsulação num sistema único – científico, moral ou político – que ofereça uma solução única. Se há uma lição a ser extraída da influência relativamente contínua que Havelock Ellis tem exercido na pesquisa sobre sexo, é que ele evitou os cantos de sereia da ideologia e do sistema, sem nunca perder sua capacidade de agir ou de abraçar uma causa. Talvez o melhor guia para as pesquisas e para a conduta pessoal (sexual ou de outra natureza) sejam as palavras usadas por H. L. Mencken (citado em LaFitte, 1967) para descrever Ellis: “Não é seu saber positivo que lhe confere distinção, mas sim seu ceticismo profundo e implacável, seu olhar penetrante sobre o transitório, o dissimulado e o falsificado.”

OS ROTEIROS E A COORDENAÇÃO DA CONDUTA SEXUAL (1974)¹

A maioria dos sociólogos está mal preparada para lidar com os problemas da motivação, tal como são discutidos entre os psicólogos. Devo confessar, desde logo, que partilho dessa deficiência disciplinar. Em parte, a dificuldade provém de uma certa barreira existente entre os dois campos: o complexo debate da psicologia sobre a utilidade do conceito de motivação, na explicação da gênese e da manutenção do comportamento – um debate que antecede o primeiro dos “Simpósios de Nebraska sobre a Motivação”² –, é basicamente desconhecido dos sociólogos. Parte desse problema, tanto em termos de dados quanto de teoria, é consequência da magnitude das informações implicadas, mas decorre, talvez num sentido mais importante, dos estilos diferentes de imaginação que se desenvolveram nas atividades efetivas das duas disciplinas. Os estilos de imagina-

¹ Originalmente publicado em James K. Cole e Richard Deinstbier (orgs.). *Proceedings of the 1973 Symposium on Motivation*, Lincoln: University of Nebraska Press, 1974. Reproduzido mediante permissão. A pesquisa foi apoiada por verbas USPHS do Instituto Nacional de Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano (HD 4156) e por uma bolsa especial de pós-doutoramento do Instituto Nacional de Saúde Mental (MH54372).

² Série de coletâneas publicada pela editora da Universidade de Nebraska desde 1952, relativa a simpósios realizados sobre diferentes temas. (N. da R.)

ção que são centrais para o sentido dos problemas de uma disciplina e para seus cânones de credibilidade emergem da prática cotidiana da leitura, do ensino e da pesquisa, e é por meio dessas práticas que se definem as fronteiras intelectuais e morais da disciplina. Independentemente das semelhanças formais do que é central nas atividades de um campo, tal como representadas por artigos em periódicos, é o convívio no exercício da psicologia ou da sociologia que cria os entendimentos tácitos que permitem o avanço do trabalho dentro de um campo, bem como o abismo das comunicações entre campos diferentes.

Ao ser convidado para este simpósio pela primeira vez, senti uma premência considerável de examinar os pontos de convergência e divergência que existem entre as abordagens sociológica e psicológica da teoria motivacional, mas, num exame superficial das duas literaturas, ocorreu-me que o resultado desse esforço seria demasiadamente descuidado para gerar frutos muito palatáveis, e a perspectiva também tendia a ser meio paralisante. Em conseqüência disso, minha tática consistiu em usar a parte da literatura psicológica pertinente sobre a qual tenho certo domínio, mas, de modo geral, manter-me dentro dos estilos intelectuais com que me sinto mais à vontade, na esperança de que o resultado seja suficientemente claro para se mostrar inteligível e, quem sabe, útil para os que estão fora do campo da sociologia.

Convencionalmente, o ponto de partida de uma discussão sobre a conduta sexual é o início da vida. Essa é uma estratégia que se baseia sobretudo na tradição psicanalítica e em sua dupla ênfase: primeiro, na centralidade das forças sexuais na formação final do caráter e, segundo, na importância essencial das experiências mais primitivas da primeira infância e da infância para o estabelecimento dos limites e possibilidades de desenvolvimento futuro. Para quem se interessa pelas complexidades da idade adulta, essa perspectiva cria um dilema, na medida em que vê a vida adulta, em suas dimensões sexuais e não-sexuais, como esquematizada e excessivamente especificada pelas restrições do desenvolvimento. Em algumas formulações psicanalíticas, a idade adulta parece ser ape-

nas uma reencenação da história infantil do indivíduo. Mesmo as tentativas dos revisionistas freudianos de reconhecer a importância da vida cultural e social no desenvolvimento humano, como as de Erik Erikson, são parciais e limitadas, concentrando-se primordialmente nas constâncias e continuidades do desenvolvimento, e não nas qualidades mutáveis e descontínuas observáveis ao longo de todo o ciclo de vida (Erikson, 1963). Embora os processos de socialização tenham, de fato, uma função restritiva e limitante em qualquer contexto cultural-histórico, por especificarem cada vez mais os resultados — isto é, por despertarem e criarem o que constitui um adulto aceitável numa dada sociedade —, ver esses processos como algo fixado por uma inescapável natureza humana, ou por uma seqüência ordeira de necessidades humanas, equivale a satisfazer o que se poderia chamar de um “anseio de ordem” conceitual, à custa da desordem observável. Embora não seja minha intenção postular um anseio alternativo do caos, é importante levar em conta a flexibilidade e a descontinuidade do desenvolvimento humano e reconhecer a notável capacidade de adaptação dos seres humanos, quando enfrentam e criam circunstâncias novas durante todo o ciclo de vida.

São essas faculdades de adaptação no manejo de situações novas que eu gostaria de enfatizar neste capítulo. A mudança das exigências ambientais, tanto em termos de alterações histórico-culturais quanto em termos das demandas mutáveis feitas a uma pessoa durante seu ciclo de vida, em qualquer cultura, requer coordenação e administração de uma ampla variedade de aptidões, previamente aprendidas numa multiplicidade de contextos, bem como a criação de novas respostas, por intermédio da recombinação de aptidões antigas. Essas próprias atividades novas passam a ser administradas com menos esforço e se tornam parte de outras metas e projetos em fases posteriores do ciclo de vida. Esse processo de combinação e recombinação descontínuas e contínuas de recursos culturais e psicológicos, a fim de atender a exigências adaptativas, consiste, em parte, das maneiras pelas quais os projetos e as metas culturalmente fornecidos às pessoas contêm as motivações do comportamento e,

em parte, do papel que esses projetos têm na moldagem e na coordenação das atividades verbais e não-verbais envolvidas na conduta sexual.

Num outro contexto, William Simon e eu demos a esses projetos o nome de roteiros sexuais, que pretendíamos que fossem uma subclasse da categoria geral do comportamento social roteirizado (Simon e Gagnon, 1969). O conceito de roteiro tem certas semelhanças com os conceitos de plano ou projeto, na medida em que constitui uma unidade suficientemente ampla para abarcar elementos simbólicos e não-verbais numa seqüência de condutas organizada e delimitada no tempo, por meio da qual as pessoas contemplan o comportamento futuro e verificam a qualidade do comportamento em andamento. Esses roteiros fornecem o nome dos atores, descrevem suas qualidades, indicam os motivos do comportamento dos participantes e estabelecem a seqüência de atividades apropriadas, verbais e não-verbais, que devem ocorrer para que o comportamento se conclua com êxito e para permitir a transição para novas atividades. A relação desses roteiros com o comportamento concreto é bastante complexa e indireta; eles não são reflexos diretos de nenhuma situação concreta, tampouco estão isentos de surpresa em sua capacidade de controlar qualquer situação concreta. Muitas vezes, são relativamente incompletos, ou seja, não explicitam cada ato e a ordem em que ele deve ocorrer; aliás, como observarei mais adiante, a incompletude da explicitação é necessária, uma vez que, em qualquer situação concreta, muitos subcomponentes do roteiro devem ser praticados sem que o ator repare que os está executando. Os roteiros têm, no entanto, uma grande vantagem em relação ao comportamento concreto, por serem manipuláveis em seu conteúdo, sua seqüência e suas avaliações simbólicas, amiúde sem referência a qualquer situação concreta. É comum chamarmos de fantasia esse processo de reorganização simbólica, quando não parece haver qualquer situação em que um roteiro, em sua forma reorganizada, possa ser testado ou posto em prática; na verdade, contudo, esses roteiros aparentemente não-aplicáveis têm um valor significativo, mesmo em situações que não contêm todos

ou sequer algum dos elementos concretos que existem no mapa simbólico oferecido pelo roteiro.

É claro que os roteiros variam em sua flexibilidade e nos detalhes especificados (as coroações de monarcas são detalhadamente planejadas, assim como as peças de Molière encenadas pela *Comédie Française*), seja em tipos diferentes de roteiros, seja em função do desempenho variável de indivíduos diferentes. Os roteiros são manipuláveis, mas não sem limites. Embora as regras de manipulação de versões simbólicas do mundo sejam mais flexíveis do que as destinadas a lidar com situações concretas, elas e os roteiros com que se relacionam provêm das circunstâncias culturais, do mesmo modo que as situações concretas para as quais eles servem de mapa ou molde. A flexibilidade dos roteiros, no que diz respeito à sua ordem interna e sua capacidade de ser montados ou desmontados em respostas criativas ou adaptativas a novas circunstâncias, é um componente crucial de nossa capacidade de manejar um meio interno e externo em processo de mudança. A história de socialização de um indivíduo faz parte do histórico de criação, reorganização e destruição de materiais de roteiro, tanto como resposta às aptidões inovadoras dos próprios roteiros quanto como resposta às exigências das situações concretas. A capacidade de utilizar respostas aprendidas numa situação concreta em outra situação, juntamente com outras respostas aprendidas em ainda outras situações de outros momentos do ciclo de vida, é central para o processo da adaptação humana.

A visão de que as motivações pessoais estão arraigadas nesses roteiros – isto é, de que nossas afirmações explicativas estão profundamente associadas a nossos projetos comportamentais – sugere que, nesse contexto, os motivos poderiam ser chamados de motivação prática ou explicação prática. Meu interesse é pela classe de afirmações explicativas que as pessoas fazem sobre si mesmas ou dão a interlocutores externos, inclusive o investigador ou experimentador científico, a respeito do motivo pelo qual fizeram isto ou aquilo. À medida que o indivíduo se afasta mais da primeira infância, a importância dessas teorias adquiridas, ou razões *ad hoc* do comporta-

mento, torna-se mais evidente, e elas se tornam mais poderosas em sua capacidade de cercear e moldar a conduta humana. Neste sentido, os atores individuais são o que poderíamos chamar de psicólogos práticos ou sociólogos práticos; eles processam e exploram conjuntos culturalmente recebidos de explicações sobre seu próprio comportamento e o de terceiros. A existência dessas explicações culturalmente fornecidas foi assinalada por Albert Baldwin (1969) em sua discussão sobre a socialização das crianças. Ele levanta a hipótese de que “as práticas de socialização de uma sociedade refletem as hipóteses implícitas ou explícitas da cultura sobre como funcionam as crianças e sobre as influências que modificam esse funcionamento” (p. 343). Baldwin descreve tais teorias como “ingênuas”, talvez em contraste com as afirmações explicativas científicas que estão em voga; no entanto, sob certos pontos de vista, especialmente quando retiradas do corpo de atividades que as gerou, é difícil reconhecer alguma superioridade entre as psicologias ingênuas e as sofisticadas. Nossa tendência é depreciar as afirmações explicativas dadas pelas pessoas sobre seu comportamento, muitas vezes reduzindo-as à condição de racionalizações, enquanto buscamos discernir o verdadeiro sentido dessas explicações ou substituí-las por afirmações sobre as “verdadeiras” motivações das pessoas.

Neste ponto, convém assinalar que não existe uma barreira impenetrável entre a comunidade das ciências sociais e a sociedade mais ampla, e que as afirmações explicativas criadas pelos integrantes do meio acadêmico para explicar o comportamento humano podem tornar-se, rapidamente, parte das explicações motivacionais dos membros da comunidade em geral. Como parte da sociologização e da psicologização da sociedade como um todo, várias teorias acadêmicas alternativas sobre o comportamento encontram-se agora disponíveis, *grosso modo*, para grandes segmentos da sociedade. Há uma certa resistência a esse processo entre os membros do meio acadêmico, uma vez que ele é comumente designado como um processo de vulgarização. A tendência para converter todos os cursos introdutórios das ciências sociais em versões de cursos de pós-graduação para estudantes de graduação – todos os alunos devem pas-

sar a compreender o que fazemos da forma como o fazemos – é um exemplo do esforço inverso de “desvulgarizar” nossas ofertas de estudos, em detrimento de sua inteligibilidade. Entretanto, apesar de nossas mais vigorosas tentativas de desenfatar a aplicação das ciências sociais, os não-acadêmicos conseguem pegar o que oferecemos e colocar a serviço do que bem entendem. Na verdade, existe um processo inverso pelo qual a comunidade mais ampla contesta nossas versões e explicações acadêmicas do mundo, recusando-se a se ajustar a nossas previsões e, muitas vezes, oferecendo versões mais promissoras de sua motivação do que somos capazes de conceber.

Dado que minha intenção é enfatizar a complexidade, a novidade e a descontinuidade do desenvolvimento psicossocial, talvez a melhor estratégia seja começar pelo meio do ciclo de vida e fazer nossa leitura retroceder no tempo, em vez de examiná-lo a partir da primeira infância. A descrição do desempenho sexual de um adulto pode não apenas sugerir uma forma alternativa de examinar o problema dos roteiros, a coordenação do comportamento concreto e a coordenação que a relação entre eles implica – uma coordenação de processos fisiológicos, processos psicológicos, recursos culturais e acontecimentos sociais –, mas também lançar alguma luz sobre a maneira como as experiências anteriores no processo de socialização são relevantes para as atividades atuais. Tentarei descrever, em detalhes modestos e com alguns comentários à margem, um ato homossexual que ocorra pela primeira vez entre um casal de jovens no final da adolescência, investigando as maneiras pelas quais os roteiros provocam o comportamento e a flexibilidade desses roteiros em sua relação com arranjos sociais concretos. Optei por um ato homossexual porque ele reflete os processos diferenciados de socialização das mulheres e dos homens, embora, com igual facilidade, pudesse ter escolhido um ato sexual praticado por dois homens ou duas mulheres, que ilustraria os processos comuns. No entanto, haveria diferenças de detalhes e um potencial de provocação de angústia suficiente para me levar a obscurecer a argumentação, ao ligá-la ao não-convencional. O que se segue, portanto, é uma descrição de um evento social comum, que contém os elementos culturais convencionais que nos

permitted identificá-lo como sexual. Faço esta complexa declaração introdutória porque nem sempre é óbvio, por razões que examinarei mais adiante, que a maioria dos elementos da situação que pretendo descrever sejam convenções culturais e resultem de um complexo de processos sócio-históricos, dos quais apenas algumas partes limitadas se relacionam com as exigências da reprodução biológica. Consideremos um rapaz e uma moça que mantenham um relacionamento social que resultará numa relação sexual. Esta é voluntária e não envolve qualquer troca direta de dinheiro. Trata-se da culminação de uma série maior de experiências um com o outro, que eles reconhecem mutuamente como tendentes a levar ao coito em seu estágio do ciclo de vida. Permitam-me ainda explicitar que nenhum dos dois é muito experiente na consecução da atividade sexual em intercurso, mas que ambos são resultados convencionais modelares da socialização para o desempenho sexual nas classes média e trabalhadora da sociedade norte-americana. Isso implica que ambos possuem pelo menos uma versão fragmentada da seqüência de atividades que irão executar, embora possam ter tido pouca prática.

Ao ultrapassar o ponto culminante em que o convencionalizado como sexual ganha destaque, é muito provável que o casal esteja a sós, num local privado, protegido do público – talvez na casa dele ou na dela, ou na de um amigo, se os dois ainda morarem com os pais. Eles já estão meio velhos para o sofá da sala de um dos pais ou o assento traseiro de um carro. Começarão por se tocar, ainda vestidos, e suas roupas serão apropriadas aos contextos públicos em que estavam antes de achar o caminho para um local protegido. Nesses outros contextos, é comum o casal esconder a possibilidade de estar pensando numa relação sexual, mesmo que os dois possam ser definidos como apaixonados ou comprometidos, porque, nesses outros contextos, é preciso preservar o pudor sexual. O evento pode ocorrer à tarde ou à noite, para grande revolta dos que impõem ou prescrevem os horários em que os jovens devem ir para a cama, sozinhos. (Tais limites só podem ser impostos mediante a crença, por parte dos jovens, de que a atividade sexual só é adequada à noite.) É mais provável que a luz do aposento esteja esmaecida ou até apagada do

que acesa, oferecendo uma certa privacidade em meio à intimidade recíproca.

No começo, os jovens tenderão a falar de modo um tanto desconexo, provavelmente com certa ansiedade, considerando-se o perigo, a novidade e a natureza transgressora do comportamento de que pretendem participar. A timidez da conversa e suas referências inespecíficas demonstram a dificuldade de sair de um mundo público em que os aspectos físicos da sexualidade basicamente não existem e as conversas de cunho sexual entre mulheres e homens fazem apenas referências oblíquas a essa atividade física. É bem possível que a realização de uma transição fácil entre os mundos público e privado nunca seja alcançada – em parte por nos faltar uma linguagem legítima em que possamos revelar esse aspecto de nossa sexualidade, até mesmo a essa platéia pequeníssima.

Por maior que tenha sido a freqüência de seus contatos físicos amorosos aquém do coito, que são descritos, em termos muito inexactos, como sarro ou bolinagem³ (talvez para indicar que algo mais sério ainda está por acontecer), esse momento é visto como diferente. Para usar uma expressão coloquial, ele “vai até o fim”; é um rito de passagem, um momento de importância particular, ligado a idéias historicamente específicas sobre o que é uma transição sexual crucial. Depois do coito, os membros do casal se modificam em relação a si mesmos, assim como em relação um ao outro e ao mundo social que os cerca. Algumas moças relatam uma sensação incômoda de que, depois da primeira relação sexual, as outras pessoas são capazes de perceber uma mudança em seu rosto – de que, de algum modo, aquele momento privado se transforma num estigma visível.

O casal começa por se beijar e, caso já tenha tido contatos físicos anteriores, talvez passe rapidamente para os beijos com a língua. As mãos do rapaz acariciam o corpo da moça por cima da roupa, de modo hesitante ou mais direto, dependendo da história do relacio-

³ Além de bolinagem ou sarro, vários outros termos de nossa linguagem coloquial (agarração, amasso, apalpação, pegação etc.) se prestam para traduzir o *petting* da língua inglesa, também informal, que descreve a prática de abraçar, beijar e acariciar o(a) parceiro(a). (N. da T.)

ramento. Ela pode resistir, mais a princípio e menos depois, talvez apenas por já haver resistido a esses gestos com muita frequência, mas indica, por sua permissão, seu próprio desejo. Os dois se beijam quase ininterruptamente, mantendo a sensação de contato íntimo e, numa certa medida, evitando voltar uma atenção direta para o que suas mãos possam estar fazendo. Começam a se despir, ou melhor, algumas partes de sua roupa são afrouxadas, desabotoadas ou têm o zíper aberto – convencionalmente, primeiro as dela e depois as dele. Há um manuseio desajeitado, com gestos ligeiramente inábeis; é possível que o rapaz nunca tenha despido ninguém até então, exceto a si mesmo, e a moça raramente terá sido despida por terceiros desde a infância, e talvez nunca por um homem. A iniciativa continua a ser predominantemente masculina; os botões se mostram teimosos e a retirada do sutiã dela se transforma num balé levemente tenso. Cada um desses instantes representa um tropeço momentâneo, um desviar a atenção do sentimento de paixão e uma intromissão das desatenções ou desatenções diferenciais que fazem parte da tarefa de administrar a atividade concreta. Quando enfim a roupa é completamente retirada – em geral, primeiro a dela e depois a dele (com base numa origem obscura, há uma convenção que permite que a mulher fique nua antes do homem) –, há um ligeiro calafrio pegajoso, quando o ar fresco do aposento toca nos corpos nus e talvez suados. Para controlar essas interrupções e transições, é possível que os dois se beijem com mais ardor. Talvez a moça monte numa perna dele, ou o rapaz introduza a sua entre as dela, e os dois façam movimentos que simulem o coito, dando ao ato um foco genital e prevendo sua conclusão.

Continua a haver distrações, tanto internas quanto externas. Passos no corredor, chaves girando em fechaduras, os sons dos veículos que passam – o mundo externo continua a fazer sentir sua presença. Há também uma persistente presença dupla, um sentimento de antecipação e risco. O rapaz se pergunta se manterá a ereção, se a parceira gosta do que ele está fazendo; a moça se pergunta como induzi-lo a continuar a fazer coisas que são gostosas e a parar de fazer outras que não o são, e imagina se chegará ao orgasmo e se há

algum risco de engravidar. Há rosnadelas, gemidos e sussurros de fragmentos de palavras e frases afetuosas, que os dois podem interpretar mutuamente como sinais de prazer e permissão.

Passado algum tempo, as distrações diminuem e a concentração é mantida (exceto por algumas dúvidas importunas); os dois se testam para saber se estão prontos (mais comumente, o rapaz testa a moça) e ela abre as pernas para deixá-lo entrar. Ele pode ou não ter dificuldade, pois há um momento de tensão quando o pênis ereto começa a penetrar na vagina. A mecânica da coisa se intromete; pode haver dor para ela e, às vezes, para ele. Quando a dificuldade é excessiva, ele pode perder a ereção; se fica excitado demais, pode ejacular precocemente, às vezes antes da penetração ou no momento em que seu pênis encosta na moça. Quando a moça sente muita dor, pode fechar-se para o rapaz e simplesmente suportar a invasão desejada e indesejada. E, nesses momentos em que fracassa o que era subliminarmente coordenado, há um sentimento de tristeza, um toque de fracasso pessoal e uma comiseração esperada e muitas vezes concedida, mas necessariamente insuficiente. O rapaz pede desculpas, a moça fica desanimada. Será possível reparar o erro? Eles devem tentar de novo? O casal conversa, às vezes em demasia, procurando curar a ferida, compreender o fracasso e, quem sabe, tentar outra vez, senão agora, mais tarde.

Mas o fracasso só acontece algumas vezes. O casal se acopla; há um conjunto de sensações físicas em partes do corpo que já foram imaginadas, mas nunca experimentadas. A coisa pode ser desajeitada, sem dúvida: será que os membros estão bem coordenados? Dói? O ritmo dos movimentos está certo? A presença dupla pode ressurgir, à medida que a moça compara o que está acontecendo com os modelos literários ou cinematográficos, enquanto o rapaz tenta lembrar todos os conselhos sexológicos que já ouviu, leu ou retirou de suas outras experiências sexuais sobre a excitabilidade das mulheres. Num momento de desatenção, eles podem separar-se, o que resulta num surto de atividade – a mão dele, talvez a dela; há uma irrupção do físico na vida onífrica dos dois; os fluxos genitais fazem sentir sua presença não-desodorizada. O romance na cabeça se confronta com

um lembrete transitório da realidade das regiões mais abaixo. Os dois continuam – ele mais comumente ativo, embora também passivo, ela mais comumente passiva, mas às vezes ativa –, enquanto avançam, basicamente separados, mas procurando ficar juntos, em direção ao orgasmo. É uma pantomima em que as paixões e excitações privadas de cada um são coordenadas por movimentos que se aceleram e por sons e tensões vagas que antecipam o clímax. Esses prazeres não-articulados encerram suas próprias angústias: se chegar depressa demais ao clímax, ele poderá perder a ereção e ela talvez fique insatisfeita. Mas, nas melhores circunstâncias, dada a nossa planta cultural de hoje, os dois se encaminham com relativa proximidade para o clímax ou, pelo menos, ambos chegam ao orgasmo. Nesse momento, pode haver algumas vocalizações (talvez chamando o nome de Deus), pedidos de tal ou qual atividade e garantias de afeição. O mundo externo praticamente desaparece – a movimentação da cama, talvez o estalar do piso, os sons de um mundo passageiro e desinteressado –, porém até nesse momento pode haver aquele instante de consciência dupla: e se os vizinhos estiverem escutando? E se o(a) colega de quarto voltar?

Quando eles chegam ao fim – e o momento e a qualidade desse término são amiúde difíceis de definir –, vem o instante de separação e conscientização. O frio do aposento, a sensação pegajosa na pele – o mundo se intromete, mas é mantido a distância por expressões de afeição mútua, conversas, carícias e garantias de confiança, lembretes delicados da relação social que delimita e permite o momento sexual. Há o problema de entrar novamente naquele outro mundo, um problema que surge até entre eles. Existe a nudez recíproca, a dele e a dela, sem a capa protetora do erotismo com que o casal modificou os limites do pudor. Ambos têm de fazer sua higiene, retirar as provas da intimidade física e vestir suas roupas frias e amarrotadas, talvez desentrelaçando as dela das dele; ambos precisam compartilhar ou usar sequencialmente o vaso sanitário, a pia ou o chuveiro. É possível que fumem, tomem uma xícara de café, conversem, sentem-se a uma mesa e fiquem olhando um para o outro. Por fim, é necessário admitir as reivindicações do mundo externo,

quando os dois estão juntos e quando estão separados, quando a moça está com seus amigos e o rapaz, com os dele. Existem os dilemas da revelação parcial ou total, e a que platéias. No rapaz, é possível que existam a crueza dos juízos adolescentes e a fanfarronice sobre a conquista, que coexistirão de modo ambivalente com seu sentimento de estar traindo a intimidade. Na moça, pode haver preocupações (com as jovens mais virtuosas dando lições de moral silenciosas) e justificativas (ela estava apaixonada; por que outra razão teria feito aquilo?). Para ambos, os resultados são ambíguos, e seus roteiros serão reordenados e transformados, a fim de fornecer planos para o futuro e justificativas para o passado.

É possível criar muitas dessas cenas que envolvem a sexualidade. Esta descrição obscura e incompleta contém apenas parte da realidade do ato específico e sugere apenas uma dentre uma variedade de circunstâncias em que o primeiro coito pode ocorrer, nesta sociedade e num momento sócio-histórico específico. Podemos variar a idade, a história pessoal, os graus de habilidade, a qualidade do consentimento, a situação legal e a condição social dos participantes, e produzir diferenças no que se poderia chamar de situação social convencional do primeiro coito. Mesmo nessa forma simples, entretanto, a extraordinária complexidade da situação e os níveis de coordenação necessários para se chegar a uma conclusão satisfatória são sumamente óbvios. Dentro dos campos social e psicológico dos dois jovens, há uma vasta gama de subprojetos ou componentes do roteiro, no sentido em que a palavra *projeto* é usada por Miller, Galanter e Pribram (1960), que devem ser integrados, organizados e reavaliados. Trata-se de projetos de relevância nos níveis fisiológico, psicológico, social e cultural. Quando a conduta sexual (da qual os aspectos físicos são apenas uma pequena parte) é vista dessa maneira, sua explicação não é uma simples questão de determinar uma sequência por meio da qual se expressa uma espécie de ditame biológico. Ao contrário, a ênfase recai sobre os processos psicossociais, e as situações histórico-culturais, que dão sentido ao comportamento, permitem a integração e a reorganização das informações e habilidades aprendidas em etapas anteriores do ciclo de vida e, a rigor,

despertam num organismo pouco especificado as respostas culturalmente apropriadas a situações inéditas.

Do ponto de vista da socialização, pouco dessa complexidade pode ser previsto com facilidade a partir das versões da psicosexualidade em desenvolvimento que existem no paradigma freudiano, original ou revisto. Essa versão do processo de socialização é excessivamente linear e sugere um fechamento muito rápido das possibilidades e dos requisitos da adaptação em fases posteriores do ciclo de vida. É provável que a maioria dos recursos culturais que acabam influenciando na conduta sexual seja aprendida em contextos que, no momento dessa aprendizagem, são irrelevantes para os resultados ou circunstâncias últimos em que serão usados. Em resposta a situações novas ou apenas vagamente previstas, os seres humanos só empregam frouxamente os recursos adaptativos aprendidos em outras situações; os resultados não são aleatórios, mas tampouco são fixamente ditados pela máquina rangente das leis do desenvolvimento, que são o equivalente, no indivíduo, do universo que Newton via com a precisão de um relógio.

Não só a socialização sexual, mas também muitos outros aspectos do processo de socialização atualmente descritos na literatura especializada sofrem com um arcabouço histórico e cultural predominantemente restrito. A vida dos indivíduos não tem apenas um caráter seqüencial (cujo padrão usual é primeira infância, infância, adolescência, maturidade e velhice), mas existe numa vasta gama de contextos socioculturais e históricos que servem de fontes locais para a aprendizagem do conteúdo desses vários estágios do desenvolvimento. Além disso, convém notar que até esses estágios do ciclo de vida têm sido sabidamente flexíveis em seus começos e fins, sendo alguns deles claras invenções culturais, surgidas em fases recentes da história humana (Aries, 1962). Neste exato momento, estamos tentando solucionar, no nível sociocultural, a disjunção emergente entre o momento em que se concede ao indivíduo independência profissional, ou em que ele consegue conquistá-la, e o momento em que ele tem acesso legítimo à atividade sexual. Esse problema concerne à existência de uma suposição histórica de que a maturidade

de profissional e a maturidade sexual, o acesso ao dinheiro e o acesso ao prazer sexual exigem uma relação ordeira e seqüencial. O fato de a atividade, senão o prazer sexual, ser agora possível e praticável, antes do aprendizado na ordem das ocupações, especialmente entre estudantes universitários, levanta o espectro do prazer imerecido e anterior ao trabalho, o que é uma idéia peculiarmente irritante para os de inclinação puritana.

O processo de desenvolvimento, em vários contextos culturais e históricos, abrange um conjunto muito amplo de expectativas de aprendizagem e atividades apropriadas para as pessoas das diversas faixas etárias. As atividades manifestas não são apenas aprendidas (algumas ensinadas, outras observadas, outras tantas inferidas – os mecanismos são variáveis e diferem ao longo do ciclo de vida), mas também associadas e interativas com a aquisição de roteiros que contêm classes de afirmações sobre causas, origens e significados dessas atividades. Os roteiros e suas afirmações práticas arraigadas sobre o sentido de atividades concretas são aprendidos não só no contexto do ciclo de vida, mas também em circunstâncias histórico-culturais específicas. Os elementos que compõem os roteiros não existem numa relação biunívoca com os componentes das atividades concretas e, neste sentido, não são um mapa direto da situação concreta. É essa relação frouxa entre os roteiros e o comportamento concreto que torna tão problemáticas as inferências sobre o significado desse comportamento e invalida boa parte da psicologização transcultural e histórica. Todavia, essa mesma relação flexível entre os roteiros e o comportamento concreto é crucial para os processos de desenvolvimento, bem como para as mudanças individuais e sociais. Sem dúvida, os roteiros e as motivações práticas que lhes estão associadas têm uma ligação direta com os contextos em que foram aprendidos e com as atividades com que se relacionavam nessa época. O significado do desenvolvimento, entretanto, é que aquilo que parece ser comportamentos semelhantes, observados em vários pontos do ciclo de vida (assim como em vários contextos culturais), na verdade tem roteiros diferentes, e o que possibilita a mudança ao longo do ciclo vital é a desvinculação entre roteiros e atividades, a fim de que

eles fiquem disponíveis como recursos em novas combinações de roteiros e atividades com assertivas motivacionais modificadas, em pontos posteriores do ciclo de vida.

Essa capacidade adaptativa dos seres humanos, que separa os roteiros das situações concretas e funciona independentemente com roteiros, componentes de roteiros e afirmações explicativas, fora de suas origens contextuais, é uma habilidade amplamente reconhecida e, muitas vezes, altamente recompensada noutras áreas do esforço humano. Na pesquisa científica, estamos em constante busca de novas afirmações sobre o significado do comportamento, amiúde usando um novo modelo explicativo para substituir dados cuja coleta tenha sido orientada por modelos opostos ou diferentes. No estudo da história, esse processo de revisão está constantemente entre nós, à medida que acontecimentos do passado sobre os quais há pouca disputa no tocante aos “fatos” são reinterpretados segundo padrões novos e intrigantes. A história, como registro sobre reis e príncipes, cede lugar a explicações marxistas, freudianas ou socioculturais, conforme novos movimentos da cultura e da erudição histórica buscam novos padrões para interpretar o passado. Para que esse revisionismo não seja reconhecido apenas nas práticas interesseiras dos enciclopedistas soviéticos, podemos oferecer como contraprova as revisões da história da Guerra da Secessão norte-americana que se fazem a cada dez anos. Transpor essa visão das revisões importantes e úteis para as questões do desenvolvimento individual, inclusive do desenvolvimento psicosexual, decorre de uma tradição existencialista. O passado não é uma quantidade fixa em interação atual, mas sim um recurso, pois, dentro de certas especificações culturais, os indivíduos são livres para editá-lo, reescrevê-lo, antologizá-lo e aplicar-lhe novas explicações; fazem novos projetos que contêm o que antes eram elementos díspares, aprendidos em pontos diferentes do ciclo de vida, à medida que procuram adaptar e moldar seu meio atual.

Esse processo de “ficcionalização do eu”, de caráter antecipatório e retrospectivo, foi descrito pelo romancista John Fowles da seguinte maneira:

Não se pensa no passado como propriamente real; ele é vestido, adornado ou enegrecido, censurado, remendado, [...] ficcionalizado, em suma, e guardado numa prateleira – nosso livro, nossa biografia romanceada (1970, p. 84).

Portanto, somos todos romancistas, ou seja, temos o hábito de escrever futuros ficcionais para nós, ainda que hoje tenhamos uma inclinação maior a nos colocarmos num filme. Fazemos uma triagem mental de hipóteses sobre como podemos comportar-nos, sobre o que pode acontecer conosco, e essas hipóteses novelescas ou cinematográficas surtem, amiúde, um efeito muito maior do que costumamos admitir sobre como efetivamente nos portamos, quando o futuro real transforma-se em presente (p. 295).

Esse processo de ficcionalização tem a ver não apenas com os projetos para o futuro, mas também com o rearranjo do passado e do presente. Assim como o romancista, na vida real e na ficção, toma o passado e o presente como parte de seus recursos e cria uma nova obra – dentro das especificações culturais e dos requisitos formais do que essa obra deve ser –, o indivíduo toma seu passado e os recursos culturais da sociedade que lhe estão disponíveis para criar um eu presente que se coadune com seus planos para o futuro.

Talvez um exemplo não-sexual possa sugerir a força desse processo. Há (ou havia, alguns anos atrás) uma crença generalizada em que os índices de mobilidade social entre as profissões proletárias e as de alto nível eram vastamente menores na Inglaterra do que nos Estados Unidos. O mito extremo era que eles se aproximavam de zero na Inglaterra e eram ilimitados nos Estados Unidos. As pesquisas sugeriram que essa discrepância não é real e que, aliás, os índices de mobilidade social dessa natureza têm sido bastante similares nos dois países, neste século, em função das semelhanças de suas estruturas industriais e ocupacionais. Então, de onde vinham nossas convicções? Em parte, pelo menos, provieram das diferenças nos estilos culturalmente aceitos de utilizar o passado nas circunstâncias presentes. Nos Estados Unidos, ainda é culturalmente apropriado o sujeito descrever-se como alguém que

se fez sozinho; Horatio Alger⁴ continua vivo, pelo menos em nossas maneiras de distorcer o passado para fazer de nossas conquistas atuais um efeito de nossos esforços, desejos e realizações. Podemos agradecer a nossos pais, mas a tendência a nos vermos como mais pobres ou menos favorecidos do que efetivamente fomos e a ampliar a distância entre o passado e o presente é um espelho infiel, mesmo que seja apenas um pequeno vício. Na Inglaterra, até época muito recente, a tendência a obscurecer a própria origem social era bastante disseminada, representando, em parte, uma faceta de uma reticência cultural maior em relação aos assuntos privados, mas expressando também um sentimento de dissociação cultural das origens proletárias. Essas diferenças culturais são significativas, pois constituem fatores básicos do potencial de mudança ou de estabilidade, seja no nível individual, seja no social. Os processos de mudança cultural na Inglaterra, evidenciados pelo declínio do sotaque de Oxbridge⁵ da velha gravata escolar, são mais do que um simples enfrentamento franco da realidade social e fazem parte de uma mudança no caráter do dia-a-dia da vida social. Em contraste, Horatio Alger, ou pelo menos seu equivalente burocrático, ainda parece firmemente arraigado nos Estados Unidos.

O reconhecimento dessa relação solta e flexível entre os roteiros sociais – as afirmações explicativas que contêm e as situações sociais concretas – se faz necessário para a compreensão das limitações e confusões existentes nas teorias convencionais sobre o desenvolvimento psicosssexual. Assim, a observação de crianças no que parece constituir atividades sexuais, do ponto de vista dos adultos, não consegue explicar a sério as diferenças entre os roteiros e motivos adultos e infantis. Na verdade, só quando a criança se transforma em adulto e partilha as atividades e as motivações culturalmente prescritas dos adultos é que se afigura sensato descrever seu comportamento como sexual, a não ser no mais abstrato dos sentidos.

⁴ Alger (1832-1899), escritor norte-americano de livros de aventura inspiradores, como *Ragged Dick* (1867), cujos personagens centrais eram meninos pobres que conquistavam grande fortuna e respeito, por meio do trabalho árduo e da virtude. (N. da T.)

⁵ Termo coloquial pelo qual os britânicos se referem às universidades de Oxford e Cambridge, sobretudo quando vistas como sede da excelência, do privilégio e da exclusividade sociais e acadêmicos. (N. da T.)

A estratégia que eu gostaria de adotar no restante deste capítulo é apontar uma série de influências sobre um aspecto da situação sexual, não de maneira exaustiva, mas sugestiva, assinalando a relação mutável entre os roteiros, as motivações práticas e as atividades concretas, à medida que estes se reúnem no que é uma conduta heterossexual culturalmente aceitável no início da idade adulta. Nesse processo, é possível observar nossas próprias especificações culturais com muito mais clareza e, talvez, examinar suas origens na interação entre o desenvolvimento individual e as circunstâncias psicológicas e culturais.

Um dos aspectos problemáticos da situação sexual do jovem casal fictício é a coordenação da excitação sexual recíproca e, em particular, os processos pelos quais é possível administrar satisfatoriamente o momento oportuno do movimento em direção ao orgasmo. O que está em questão é o modo como duas pessoas jovens, por meio da estimulação recíproca e do automonitoramento interno, tentam alterar e adaptar suas experiências prévias, a fim de pôr em prática o que Masters e Johnson (1966) chamaram de ciclo orgástico (composto de quatro etapas: excitação, estabilização, orgasmo e resolução), para produzir o orgasmo numa seqüência satisfatória. Há indícios consideráveis, com base na bibliografia clínica, de que a coordenação desses eventos no coito nada tem de óbvio, e de que até a experiência do orgasmo, em muitas mulheres, é inconstante ou inexistente no coito. Parece proveitoso examinar as relações entre os roteiros e a experiência do orgasmo, uma vez que elas evoluem ao longo do ciclo de vida como um processo desigual de adaptação a um meio cultural e pessoal ambíguo.

Há alguns indícios de que, no nível fisiológico, a capacidade orgástica, no sentido de haver uma espécie de competência biológica, ocorre relativamente cedo no ciclo de vida. Kinsey relatou dados de observação, provenientes de uma multiplicidade de fontes de qualidade variada, a respeito do que parece ser o orgasmo em crianças de ambos os sexos abaixo de um e dois anos de idade (Kinsey, Pomeroy e Martin, 1948; Kinsey et al., 1953). Os sinais corporais externos, observados sem nenhuma instrumentação fisiológica, incluem respiração acelerada, vascularização, aumento da tensão cor-

poral e descarga repentina da tensão, seguida de repouso. Atualmente, não se sabe ao certo que sentido tem esse comportamento para o bebê e se as crianças pequenas que tiveram essa experiência seguiram um rumo alternativo de desenvolvimento. Também não se sabe ao certo se essa experiência, que um observador externo descreve como semelhante ao orgasmo adulto, tem algum significado especificamente sexual (no sentido adulto), ou se seria continuamente buscada na falta de qualquer roteiro significativo. Os dados existentes sugerem que o orgasmo da primeira infância é relativamente aleatório e, segundo o relato de alguns pais, é sobretudo uma prática sedativa ou de auto-apaziguamento, sem qualquer material roteirizado que a vincule a eventos parecidos entre adultos. Há também alguns indícios de ocorrência de orgasmo em fases posteriores da infância, antes da puberdade, mas também esses dados são fragmentados. Há depoimentos de adultos que mantiveram contato sexual com crianças de 7 a 11 anos de idade, no sentido de que tais contatos resultaram nos mesmos tipos de excitação observável e no que parece ter sido um orgasmo. Há ainda indícios de orgasmos pré-púberes, lembrados por adultos cujas experiências lhes parecem, na lembrança, semelhantes às que tiveram depois da puberdade. Os dados existentes sugerem que há uma certa possibilidade de competência biológica para o aparecimento do orgasmo antes da puberdade, mas essa competência não se traduz com rapidez nem com facilidade no desempenho social do orgasmo, na falta de condições específicas de aprendizagem que lhe dêem o caráter de algo buscado. A palavra *competência* é usada aqui num sentido diferente do que lhe dão os teóricos da efetuação ou do que lhe deu Robert White, em sua descrição utilíssima e original do desenvolvimento psicosssexual, datada de 1960. Aqui, o termo é empregado no sentido que Chomsky distingue a competência lingüística, que é uma tendência para uma organização específica do substrato biológico que possibilita o que ele descreve como desempenho lingüístico. Nesse caso, no entanto, eu atribuiria um peso maciço ao papel desempenhado pelos fatores sociais e psicológicos na conversão da competência orgástica em desempenho orgástico.

É importante assinalar, neste ponto, que essa conversão é particularmente complexa nas mulheres. A partir dos dados sócio-históricos, evidencia-se que o desempenho orgástico das mulheres foi predominantemente não-observado ou desconsiderado na bibliografia setecentista e oitocentista sobre a sexualidade, exceto, é claro, na pornografia, na qual não só se concedeu às mulheres uma capacidade inesgotável de orgasmo, como também uma ejaculação paralela à dos homens. Tem-se convencionado afirmar que essa falta de orgasmo nas mulheres era uma simples função da repressão positiva de uma função psicosssexual natural, porém o que parece mais provável, pela perspectiva cultural de meados do século XIX, é que as definições sociosexuais das mulheres – especialmente das que se tornaram modelos de respeitabilidade no século XX – tenham existido sem quaisquer elementos que pudessem representar a base da aprendizagem de que o orgasmo fazia parte do equipamento fisiológico adaptativo das mulheres. O senso de refinamento, a passividade, a submissão generalizada às normas masculinas de pudor e, pelo menos em parte, a resistência à exploração sexual por rapazes e homens, tudo isso deixou uma estranha lacuna no processo feminino de socialização do gênero. Essa exclusão generalizada do sexual na vida social, especialmente dos roteiros sexuais e de gênero que herdamos do século XIX, como parte de nosso repertório cultural aceito de condutas, existiu não só para as mulheres, mas também moldou a sexualidade de muitos homens. O problema não era a repressão de um impulso inato, mas a falta de um conjunto de circunstâncias instigadoras, inclusive roteiros sexuais e de gênero, sobretudo para as mulheres, mas também para os homens, que pudessem converter a competência orgástica num desempenho orgástico satisfatório.

Essa herança cultural ainda serve para diferenciar os padrões de socialização de gênero de homens e mulheres dos quais nossos padrões sexuais extraem muitos de seus significados. Assim, são ensinadas a crianças muito pequenas as formas apropriadas de iniciação, controle e dominação que devem existir entre meninas e meninos, mulheres e homens. Elas aprendem roteiros sociais sobre gênero, sobre como os meninos devem se comportar, como as meninas de-

vem se comportar, como eles devem se portar juntos e quais são as motivações práticas comuns e diferentes da conduta. Esses roteiros de gênero contêm concepções de valor moral, uma idéia das explicações apropriadas do comportamento e uma certa compreensão de como estas podem ser usadas e modificadas de uma situação para outra. O que se evidencia marcadamente com respeito à sexualidade infantil é como são poucos os elementos do roteiro sexual adulto que nossas crianças possuem, exceto sob a forma de roteiros coercitivos de gênero. Mesmo quando criancinhas de 7 a 9 anos de idade praticam as chamadas brincadeiras sexuais, mesmo naquilo que imita o coito do ponto de vista do adulto, isso tem de ser visto pelos roteiros e recursos motivacionais das próprias crianças. Elas não praticam o coito adulto, na maioria das sociedades ocidentais – seu comportamento não é uma intromissão do impulso sexual na infância, tampouco o prólogo da sexualidade adulta. As motivações estão inseridas nos roteiros e projetos disponíveis para as crianças de 7 a 9 anos nesta cultura. Talvez ainda mais raro do que a experiência de orgasmo nessa brincadeira infantil seja as crianças praticarem esse comportamento com o objetivo de chegar ao orgasmo. O que falta durante esse período é um conjunto de roteiros que possa incluir a aprendizagem do orgasmo ou sua inclusão numa seqüência comportamental qualquer. Mesmo que ocorra uma excitação geral, que envolva a ereção nos meninos e, quem sabe, até orgasmos fortuitos a partir dessa excitação generalizada, não existem roteiros organizados que possam nomear as razões para dar continuidade a esse comportamento. Seria possível, no entanto, criar uma cultura em que o desempenho orgástico fosse altamente recompensado e em que houvesse processos educativos para criar um comportamento de busca do orgasmo nas crianças pequenas, e até para configurar esse comportamento em roteiros que fossem acessíveis aos adultos da sociedade. Fazer isso nas sociedades ocidentais, com sua organização cultural de hoje, não apenas exigiria uma mudança radical de nossa conduta sexual, como os efeitos dessa mudança se estenderiam, provavelmente, aos confins mais remotos da vida profissional, familiar e religiosa.

Em termos de desempenho orgástico, os melhores dados sugerem que, nessa cultura, ele emerge como uma forma rotineira de comportamento na maioria dos meninos e como um comportamento menos freqüente e mais intermitente nas meninas, em conjunto com a masturbação no início da adolescência (dos 12 aos 14 anos). Há alguns padrões alternativos que variam conforme o gênero e a classe social, mas a experiência modal parece dar-se por meio da masturbação. A importância da masturbação para os homens não está apenas em produzir um ciclo orgástico de tensão generalizada, excitação intensa e resolução, mas no fato de esse comportamento ser acompanhado por uma série de narrativas sexuais mais ou menos complexas, cujos elementos podem ser independentemente capazes de evocar e manter a própria atividade sexual. As chamadas fantasias masturbatórias são, na verdade, roteiros sexuais rudimentares, que incluem componentes seletos de roteiros de gênero previamente aprendidos, combinados com componentes sexuais novos que são mentalmente exibidos, em coordenação com a auto-estimulação genital ou de outra natureza. É por meio desse processo que a competência orgástica começa a ser convertida em desempenho orgástico, para muitos homens dessa cultura. O menino – ou o rapaz – começa a desenvolver um roteiro sexual masculino proto-adulto, que contém um elenco de personagens (ele mesmo, as moças e, com menos freqüência, outros meninos ou homens), um conjunto rudimentar de imagens das atividades físicas que podem ser encenadas, algumas medidas do valor moral das pessoas envolvidas e uma seqüência ordeira das atividades não-sexuais e do material simbólico necessários para produzir o efeito desejado. É fácil perder de vista os componentes não-sexuais dessas fantasias, mas uma leitura um pouco mais atenta de *O complexo de Portnoy*, de Philip Roth, sugere a necessidade de combinar atributos não-sexuais com o material sexual para criar uma ambiência erótica. A ansiedade e o mal-estar considerável com respeito aos riscos e perigos da masturbação provêm, em parte, da combinação ambivalente de elementos convencionais numa conduta não-convencional, bem como de seu caráter predominantemente inespecífico, já que tanto seu conteúdo quanto sua prática são aprendidos.

didos em segredo. Esses dois processos talvez sejam mais angustiantes do que qualquer proibição explícita da masturbação. Na verdade, quase todas as descrições dessa conduta, inseridas nas afirmações de proibição, são tão vagas que podem aumentar a angústia sem reduzir o interesse.

O problema curioso, em relação ao papel exercido no desenvolvimento pelos roteiros emergentes na coordenação do comportamento físico, é que, nas etapas iniciais da masturbação, essa coordenação é relativamente precária e os meninos tendem a ter problemas para se manter concentrados na fantasia ou para fazer com que o orgasmo manualmente induzido se coordene com o momento apropriado de culminação sexual na própria fantasia. Só por meio da prática do roteiro e da auto-estimulação é que surge um certo nível de habilidade, nível que responde pelo aprimoramento dos componentes do roteiro, bem como pela manutenção da excitação por períodos mais longos antes do orgasmo. A figura 1 oferece uma sugestão rudimentar dessa coordenação, usando a imagem gráfica de Masters e Johnson sobre o ciclo orgástico (Masters e Johnson, 1966, p. 5).⁶ Não há medidas qualitativas em nenhum dos eixos (de tempo ou de excitação) e o traçado em si, claramente, é mais uma imagem conveniente do que um verdadeiro retrato de qualquer medida isolada ou conjunta de eventos fisiológicos ou de excitação psicológica. A intenção é sugerir os níveis de coordenação implicados e indicar que, nos primórdios da masturbação, a excitação é rápida, o estágio de estabilização é relativamente curto e o adolescente chega com relativa rapidez ao clímax. O importante é que emerge uma relação padronizada entre o material roteirizado e as atividades físicas que devem ser modificadas nas atividades sexuais não-masturbatórias, e que até a própria experiência subjetiva do orgasmo pode alterar-se nessas transições.

As atuais condições histórico-culturais referentes à sexualidade feminina durante esse período são mais complexas, e os dados são

⁶ O traçado usado por Masters e Johnson é um recurso pictórico muito útil e concorda essencialmente com a sensação subjetiva do ciclo orgástico, mas não descreve qualquer processo fisiológico específico. Ver Masters e Johnson, 1966, p. 5, figura 1-1.

muito mais fragmentados. Além disso, como há alguns indícios, pelo menos no plano ideológico, de que se desejam mudanças na socialização sexual e de gênero das mulheres, se é que elas já não estão ocorrendo, é bem possível que as versões atuais do início da adolescência feminina sejam de caráter transitório. No momento, os dados indicam que menos meninas do que meninos se masturbam nos primórdios da adolescência, e que elas o fazem com frequência menor. Há alguns indícios de que o teor do roteiro que acompanha, permite e provoca a masturbação nas meninas talvez contenha menos material tido como "sexual", do ponto de vista dos meninos - idéias como encontrar o "príncipe encantado", apaixonar-se ou casar-se.

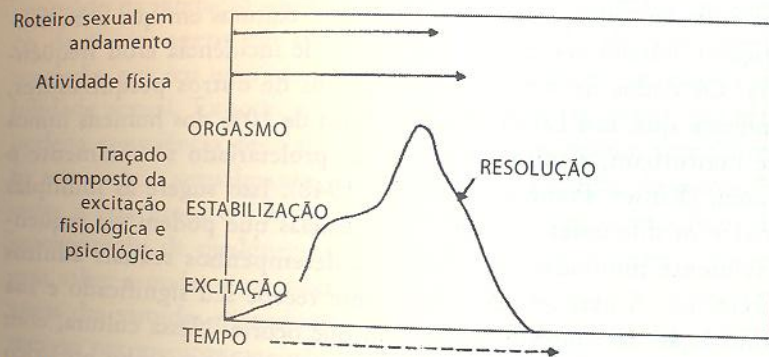


FIGURA 1. Exemplo de níveis de coordenação e possíveis durações dos segmentos do ciclo orgástico na masturbação adolescente dos meninos (convencionalmente praticada em particular, manualmente, com uma narrativa sociossexual concomitante).

Nas juvenzinhas, entretanto, tais eventos encerram uma excitação romântica e antecipatória que talvez seja paralela à excitação produzida nos meninos adolescentes ao pensar no coito. Além disso, um estudo recente de Ruth Clifford, do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Nova York, em Stony Brook, sugere que algumas moças masturbam-se até o orgasmo sem conhecer os rótulos de masturbação nem de orgasmo. Elas têm a experiência,

mas não sabem de seu conteúdo sexual. Talvez se possa especular que essa atividade se assemelha e, quem sabe, segue-se à auto-estimulação pré-púbere, que é redutora de tensão ou tranquilizadora, sem que haja um componente sexual no material cognitivo associado. No momento, todos os dados disponíveis apontam para a conclusão de que a auto-estimulação – com e sem orgasmo – e a posse de um roteiro de conteúdo sexual explícito são mais esporádicas entre as jovens dessa fase, e de que esse comportamento, quando ocorre, é bem menos vinculado aos tipos de atividades sexuais físicas manifestas que as mulheres precisam coordenar em fases posteriores de seu ciclo de vida, em condições culturais vigentes.

Convém assinalar que a masturbação não é um componente necessário na emergência do desempenho orgástico ou do sucesso final no coito em qualquer dos sexos. Existem culturas em que a masturbação é relativamente rara, em termos de incidência e/ou frequência. Os dados de Kinsey, bem como os de outros pesquisadores, indicam que, nos Estados Unidos, cerca de 10% dos homens nunca se masturbam, e muitos homens do proletariado só raramente o fazem (Kinsey, Pomeroy e Martin, 1948). Isso sugere as múltiplas vias e os diferentes roteiros e experiências que podem ser seqüencialmente montados para produzir desempenhos sexuais adultos aceitáveis. A masturbação adolescente recebe seu significado e sua vinculação do contexto cultural em que ocorre. Nessa cultura, com as pouquíssimas situações práticas em que o desempenho orgástico pode ser aprendido e com a experiência diferenciada dos dois gêneros na masturbação, ela adquire um destaque singular. Nas situações culturais em que a atividade copulativa é geralmente legítima nos dois sexos, seja no início da adolescência, seja até no casamento posterior, é provável que o desempenho orgástico seja atingido com facilidade.

É principalmente nos padrões de interação sociossexual de meados da adolescência que as mulheres começam a formular e a incorporar em seus roteiros românticos sobre a interação homem-mulher elementos que contêm um componente especificamente sexual. A essa altura, a maioria dos rapazes tem pelo menos um conhecimen-

to teórico da seqüência de comportamentos presumidos como necessários para levar o ato do coito até o fim. Nessa interação sociossexual, meninos e rapazes começam a tomar a iniciativa de pelo menos alguns desses comportamentos e, nessa interação, as moças começam a aprender uma versão reativa da versão sexual primitiva que os rapazes têm das mulheres. As meninas e moças aprendem um padrão de respostas não apenas aos homens, mas a elas mesmas (ele se excita ao tocar meus seios; devo excitar-me ao ser tocada nos seios).⁷ Desse modo, a excitação generalizada se especifica em algumas partes do corpo, e a seqüência cultural local de intimidade física e aumento da excitação começa a se formar. Mas há elementos restritivos nesse processo. O roteiro masturbatório – assim como o conteúdo da interação adolescente entre meninos – contém um elenco de personagens em que moças e mulheres são comumente marcadas por seu mau caráter, cuja prova se encontra em sua acessibilidade sexual. Existem crenças paralelas entre as jovens que têm perfeita consciência dessa divisão moral entre as pessoas sexualmente acessíveis e sexualmente inacessíveis. A concepção da distinção entre a boa moça e a moça que não presta surge muito antes da incorporação de qualquer conteúdo especificamente sexual. As regras sobre a nudez e as carícias entre os sexos, assim como imagens vagas das virtudes masculinas e femininas, já se acham instauradas, mesmo nas meninas que não têm idéia do que possa implicar o ato do coito num sentido direto ou concreto.

Em meados e no fim da adolescência, o enamoramento serve como um novo mecanismo mediante o qual é possível superar essa restrição à experimentação sexual. Acrescenta-se um novo elemento de roteiro que serve para permitir muitas formas de intimidade entre os gêneros, inclusive a sexual. No começo da bolinagem adolescente, começo que é marcado por inabilidade social e sexual, ansiedade e temores relativos à masculinidade e à feminilidade em geral, bem

⁷ Essa, é claro, é apenas uma de uma multiplicidade de circunstâncias de aprendizagem em que os seios podem receber um caráter especial no ciclo das respostas sexuais. O sentimento da importância dos seios como indicador de maturidade ou de valor pessoal também é proporcionado pelos meios de comunicação de massa, assim como pelo grupo feminino de pares (Kinsey, Pomeroy e Martin, 1948).

como à posição no grupo de pares, há uma separação relativamente grande entre os dois sexos. Muitas vezes, os adolescentes mais velhos e os rapazes têm um roteiro sexual relativamente avançado, reforçado pelos valores do grupo de pares, relativamente coordenado com a experiência do orgasmo masturbatório e integrado nas prescrições gerais da cultura, já então ligadas ao sexual, sobre a iniciativa e a dominação masculinas. As meninas mais velhas e as moças dispõem de um roteiro sexual relativamente mais restrito. Sua conduta é comumente cerceada pelo papel de guardiãs; elas têm menos probabilidade de vivenciar o orgasmo autonomamente buscado na masturbação e, em geral, prendem-se a um compromisso com o papel de esposas e mães como seu objetivo fundamental. Entretanto, a disponibilidade do roteiro adolescente do enamoramento proporciona uma base poderosa e facilitadora para a experimentação sexual.

Se recordarmos com algum detalhe a bolinagem adolescente, lembremos que ela é um ritmo de intimidade geral crescente entre pares, que tem por auge alguns tipos variados de atividades sexuais, ligados às faixas etárias, à possibilidade do apaixonar-se e ao casamento. Trata-se de uma atividade de extraordinária excitação subjetiva, na qual cada prática costuma estender-se por longos períodos e, comumente, concluir-se sem chegar ao orgasmo. Esse padrão é sugerido na figura 2, na qual a linha tracejada sugere a possibilidade de reduções da excitação e a rara possibilidade do orgasmo. A estabilização é mantida por muito tempo e, na falta do orgasmo, a resolução é demorada, amiúde deixando os rapazes e moças com uma certa sensação de dor ou incômodo na virilha ou nos órgãos genitais. Mais uma vez, não há quantidades envolvidas; o importante é o reconhecimento das diferenças nos ciclos de excitação e nas condições em que prossegue a aprendizagem sexual, bem como da diferença entre a duração das várias partes do ciclo orgástico, quando comparada à prática orgástica anterior por parte dos homens.

Esse ciclo físico se repete vez após outra, e só quando os casais ficam mais velhos e mais próximos do casamento é que tende a resultar na cena de primeiro coito descrita anteriormente. Nessas situações de sarro, os jovens aprendem a beijar com enorme facilidade e

adquirem um repertório razoável de habilidades não-copulativas. Moças e rapazes aprendem a tolerar níveis relativamente altos de excitação psicológica e tumescência fisiológica sem orgasmo. O fato de essa bolinagem não terminar no orgasmo é muito preocupante para alguns adultos (Kinsey era um deles), mas os jovens de ambos os sexos a consideram uma atividade singularmente prazerosa em si mesma, ainda que não culmine no orgasmo ou no coito. Às vezes, essa limitação é difícil para os rapazes, na medida em que eles tenham tido a experiência de orgasmo como culminação apropriada da masturbação, mas não há tradução fácil da experiência solitária e autônoma do orgasmo, impregnada de fantasia, na situação diádica, dependente e exploratória da bolinagem. Em contraste, as moças, cujo corpo é cada vez mais investido de significações eróticas, derivadas dos rapazes com quem elas trocam essas carícias, aprendem que a excitação é possível e prazerosa por meio da seqüência de atividades que os rapazes tentam praticar, e com as quais elas acabam cooperando. No contexto amoroso, elas aprendem a ter um sentimento do caráter físico da sexualidade e de seu papel na satisfação sexual.

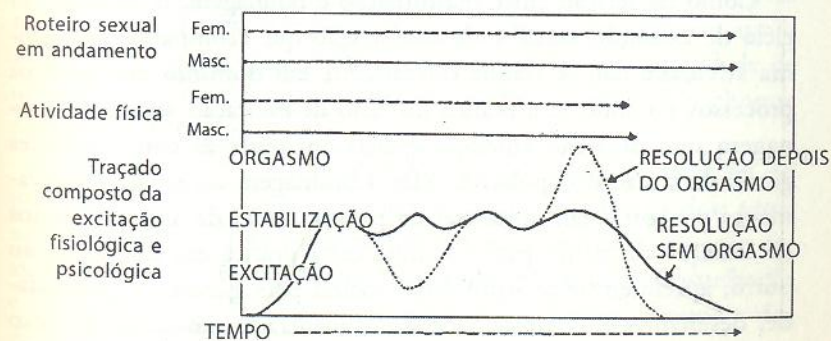


FIGURA 2. Exemplo de níveis de coordenação e durações possíveis de segmentos do ciclo orgástico na bolinagem ou sarro de meados da adolescência; traçado semelhante em ambos os sexos (ela é convencionalmente praticada em locais privados ou semipúblicos, com roteiros e motivações separados, que são específicos de cada gênero, e com uma divisão do trabalho nos padrões de estimulação física recíproca).

O que deve ficar óbvio é a infreqüência da prática diádica do ciclo orgástico completo. O rapaz se envolve numa excitação sexual que não termina no orgasmo, mas se entrega a um comportamento masturbatório concomitante que resulta em orgasmo. Ao mesmo tempo, os roteiros dessas práticas masturbatórias vão sendo modificados pelo conteúdo concreto das experiências de bolinagem, bem como por material proveniente de outras fontes, como os meios de comunicação. A moça preserva um papel em geral inexperiente, no que concerne à conclusão do ciclo orgástico, mas tem uma consciência crescente de sua potencialidade. É no fim da adolescência ou na casa dos vinte e poucos anos que costuma ocorrer o primeiro coito pré-conjugal, cuja descrição procurei fornecer anteriormente. Não é de admirar que sua execução pareça tão repleta de erros. Esse evento raras vezes foi praticado, seus subcomponentes estão mal-integrados, o casal sente-se ansioso e nenhum dos dois está seguro de suas próprias reações e das do parceiro. Na ocasião em que os parceiros tentam praticar o coito, eles dispõem de pouquíssima experiência concreta em que se basear. Tudo o que possuem são roteiros bastante imprecisos e mal-articulados.

Como na relação entre masturbação e bolinagem, o domínio do ciclo de excitação sexual e da roteirização que acompanha esta última atividade não se traduz diretamente em domínio dos mesmos processos no coito, e a prática do ciclo de excitação sexual da bolinagem sem orgasmo antecipa apenas em parte as complexidades gerais da situação copulativa. Mas a bolinagem ou o sarro efetivamente proporcionam uma rodada prática direta de alguns aspectos da situação do coito: ganha-se uma certa prática em despir um ao outro, aprendem-se as habilidades sociais para garantir a privacidade, desenvolve-se a capacidade de concentração no corpo do sexo oposto, além de coisas similares.

Embora eu discorde um pouco da generalidade da descrição dada por Erving Goffman (1971) à natureza problemática das primeiras tentativas de muitos tipos de comportamento, especialmente aquelas em relação aos quais houve apoio ou ensaios substanciais, suas palavras se aplicam realmente à experimentação sexual: "Deve ser

[...] evidente que quase todas as atividades que o indivíduo hoje executa com facilidade foram para ele, em algum momento, algo que exigiu uma mobilização ansiosa de esforço. Andar, atravessar a rua, proferir uma frase completa, usar calças compridas, amarrar os próprios sapatos, somar uma coluna de números, todas essas rotinas que permitem o desempenho competente do indivíduo, sem que ele precise pensar, foram alcançadas por um processo de aquisição cujas etapas iniciais foram ultrapassadas em meio ao suor frio. É provável que tenha havido uma série de testes formais e de tentativas solo, isto é, de prática supervisionada a distância, em condições reais e, portanto, fatídicas" (p. 248). Goffman exagera um pouco (o número de pessoas que se sentem ansiosas a ponto de suar frio e o número de atividades em que isso ocorre são variáveis, é claro), mas aponta para uma lição valiosa: os desempenhos competentes ocultam os processos de aprendizagem não apenas dos observadores, mas da própria pessoa que passou por esses processos. Em parte, a posse de um objetivo suficientemente forte, inserido num roteiro, dá à pessoa a capacidade de superar o suor frio, disfarçar o erro e perdoar a incompetência. Aliás, a persistência dos jovens em se dedicarem continuamente à atividade sexual pré-marital, dados os seus problemas de logística e coordenação e o nível reduzido de apoio social, sugere a força das metas sociais aprendidas e a capacidade de os roteiros, com suas motivações associadas, superarem o choque com a realidade bruta.

Na figura 3, temos um exemplo dos dois ciclos orgásticos do jovem casal que descrevi, sugerindo as diferenças entre os dois sexos na duração dos vários componentes de sua resposta à situação sexual. Podemos compará-los com as figuras referentes à masturbação e ao agarramento, para ter uma idéia dos aspectos comuns e das diferenças envolvidos. Mais uma vez, os traçados não representam medidas quantitativas, embora haja alguns indícios de que o rapaz se excite mais depressa do que a moça, bem como algumas indicações de uma sensação subjetiva de excitação crescente e decrescente em ambos os parceiros. Os pontos em que se colocam os momentos do despir, da penetração e de outras contingências nesse traçado

dependem da situação concreta. A duração das diversas fases do ciclo orgástico varia entre os indivíduos e durante a vida de um mesmo indivíduo. Olhando para o futuro desse casal, é possível prever que a qualidade da coordenação das fases do ciclo orgástico melhorará, isto é, corresponderá às definições culturalmente especificadas do bom desempenho. Parte dessa melhora resultará da prática conjunta, com maior segurança a respeito da seqüência e da ordem em que dar prazer um ao outro. Será possível chegar a uma certa desatenção para com muitos aspectos do comportamento: o risco de perder a ereção será menos problemático; se a mulher quiser que seja feita alguma coisa, poderá indicá-la por meio de sinais ou palavras; os subcomponentes do comportamento final se integrarão como seqüências rotineiras. Essas seqüências de comportamento concreto se tornarão predominantemente convencionais, com uma ordem e um caráter normais em qualquer casal.

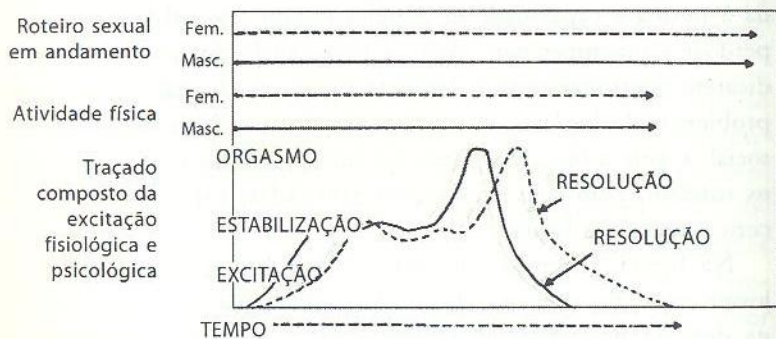


FIGURA 3. Exemplo dos níveis de coordenação e da possível duração de segmentos do ciclo orgástico no coito praticado no fim da adolescência e no início da idade adulta, com traçados separados para cada sexo (atividade convencionalmente praticada em particular, com diferentes roteiros antecipatórios e concomitantes específicos de cada gênero, e com uma divisão do trabalho nos padrões de estimulação física recíproca).

Como há um nível razoável de concordância e especificação culturais na ordem aprendida da conduta sexual, é possível que os membros de qualquer casal passem para novos parceiros e se portem com um grau razoável de sucesso. Essa transição raramente se dá sem pequenas crises ou elementos problemáticos, no tocante à coordenação física e às mudanças da situação social, o que requer mudanças ou acréscimos nos componentes roteirizados que influem na situação. Assim, a relação sexual em condições que não envolvam o amor, ou que decorram de um romance de verão, exige o acréscimo de um novo conjunto de componentes de roteiro que incluam novas motivações práticas para a execução do comportamento. As relações sexuais com pessoas que desfizeram um casamento ou com parceiros extraconjugais, o que é ainda mais complexo, também requerem um material adicional dos roteiros, para permitir um desempenho exitoso na situação concreta.

Poucas pessoas administram essas transições sem uma certa inquietação ou sem uma perturbação do desempenho concreto, mas, mesmo assim, a posse do roteiro e a capacidade de manipular seus elementos permitem que o indivíduo passe de uma situação concreta para outra (ao que se espera) com um mínimo de aflição e erros. Essa relação entre os roteiros mentais e seu papel na organização do comportamento – especialmente a relação frouxa entre as especificações do roteiro e cada subcomponente da situação concreta, como a duração da fase de estabilização do ciclo de excitação sexual – foi proveitosamente explorada por Michael Polanyi (1964):

O esforço mental tem um efeito heurístico: tende a incorporar qualquer elemento disponível na situação que seja útil a seu propósito [...].

Essas ações são vivenciadas apenas em caráter secundário, em termos da realização para a qual contribuem [...]. É assim que se inventa um método de natação, sem saber que ele consiste em regular a respiração de uma dada maneira, ou que se descobre o princípio do ciclismo, sem perceber que ele consiste na adaptação

da direção momentânea e da velocidade, para contrabalançar o desequilíbrio momentâneo acidental. Daí a descoberta prática de uma vasta gama de habilidades e virtuosidades não conscientemente conhecidas, que abrangem importantes processos técnicos que raramente podem ser explicitados (p. 62).

O surgimento de novos roteiros para coordenar o comportamento em situações novas, processo que Polanyi descreve em sua forma requintada como virtuosidade, tem uma série de conseqüências adaptativas interessantes. No processo de transformar e pôr em prática habilidades previamente aprendidas (no meu exemplo, a coordenação do ciclo de excitação sexual em circunstâncias diferentes), as próprias habilidades devem ter a possibilidade de ser retiradas dos contextos em que tenham sido originalmente aprendidas e utilizadas em novas circunstâncias concretas, amiúde muito distantes dos contextos da aprendizagem original. Assim, a coordenação da fantasia, da excitação sexual e do orgasmo que ocorre nos meninos adolescentes não é diretamente aplicável à situação do coito, na qual existe uma outra pessoa e, às vezes, uma preocupação com o prazer sexual da parceira. A passagem relativamente rápida da excitação para o orgasmo, por parte do menino ou rapaz na masturbação, não é inicialmente coordenada com o comportamento de muitas moças que, no coito, mal estão aprendendo a identificar e a desenvolver habilidades que não foram anteriormente aprendidas no ciclo de vida. Do ponto de vista da relação entre os roteiros sexuais e o comportamento sexual concreto, o início do coito envolve um rapaz que possui um roteiro desenvolvido e um conjunto de comportamentos concretos e coordenados em interação com uma moça provida de um roteiro diferente e menos desenvolvido e com uma relativa falta de habilidades concretas auxiliares. O problema das moças não é tanto de repressão direta, mas de falta de circunstâncias, na socialização convencional, que proporcionem conteúdo e ligação entre os roteiros mentais e a ação concreta. Nos homens de todas as idades, o problema talvez seja a relação sobredeterminada entre os roteiros e as atividades concretas.

O esquecimento do passado – envolvido no processo dinâmico da coordenação comportamental dos roteiros e comportamentos nos vários momentos do ciclo de vida – tem contribuído para a nossa dependência de modelos lineares e/ou biológicos do desenvolvimento sexual. No processo de editar, reescrever e reorganizar nossos roteiros, para atender a novas exigências concretas, não só perdemos os antigos roteiros que estavam ligados a situações anteriores, como também perdemos a relação entre esses roteiros antigos e as habilidades que foram aprendidas ou coordenadas por meio da existência deles. A capacidade de coordenar e provocar o ciclo de excitação sexual na adolescência dependeu da presença dos roteiros existentes naquele período da vida. As habilidades surgidas, direta e secundariamente, que tinham um interesse direto naquela época, acham-se agora apagadas ou transformadas em elementos secundários, com freqüência não percebidos, especialmente quando se pretende que o desempenho copulativo tenha êxito na situação atual.

Essa capacidade adaptativa – a rigor, essa exigência adaptativa – de que os roteiros e as habilidades concretas sejam desvinculados dos contextos originais em que foram aprendidos, e de que assim contribuam com flexibilidade para a nova situação, esconde de nós as condições de aprendizagem que existiram antes. Isso leva a dois tipos de problemas. Primeiro, como nosso passado se oculta de nós e agora organizamos o mundo a partir de nossos novos roteiros, nos quais estão inseridas nossas afirmações sobre motivação, começamos a impor nossas versões do mundo a pessoas que se encontram noutros momentos do ciclo de desenvolvimento. Segundo, uma vez que perdemos as ligações e os contextos mais antigos em que os roteiros e as habilidades coexistiam, tendemos a simplificar os processos por meio dos quais nosso estágio atual de desenvolvimento passou a existir. Na falta de um contato bem definido com nossas experiências anteriores, uma simples teleologia sexual reprodutiva, ou baseada em impulsos, vem substituir a complexidade das situações de aprendizagem, fazendo da experiência sexual adulta o resultado de imperativos biológicos independentes dos contextos históricos e culturais. À medida que a situação histórica e cultural se

modifica, as informações provenientes dessa parte do mundo também se perdem e impomos ao passado nossas explicações atuais, achando que elas têm aplicabilidade universal. Ao mesmo tempo, cerceamos o futuro ao lhe impor o presente, reduzindo a variabilidade potencial do comportamento quando os indivíduos se deparam com circunstâncias novas e se empenham em manipulações simbólicas para se adaptar a elas.

Um exemplo dessa relação aprendida mutável entre os roteiros sexuais e os desempenhos sexuais concretos se encontra no recente trabalho terapêutico com várias formas de disfunções sexuais, inicialmente executado por Masters e Johnson (1970). Em seu trabalho (e, mais recentemente, no trabalho de outros clínicos), os problemas da impotência secundária, da ejaculação precoce e da anorgasmia vêm sendo tratados com bastante sucesso por meio de uma combinação de técnicas de mudança comportamental, num contexto geral de segurança do indivíduo, e permissão da conduta sexual. Um traço destacado desses esforços terapêuticos é que eles oferecem situações em que é possível alterar os roteiros sobre a conduta sexual e certas habilidades e erros específicos no desempenho sexual. Em alguns casos clínicos, o sucesso ou o fracasso de componentes secundários concretos do desempenho sexual recebem uma enorme atenção: a mulher se preocupa em saber se chegará ao orgasmo; o homem se preocupa em saber se manterá a ereção. Noutros casos, existem problemas acerca dos tipos de roteiros sexuais que o paciente pode possuir. Os roteiros podem conter elementos que o paciente considera discordantes do comportamento a ser praticado (eu gostaria de assinalar que a maioria dos pacientes, pelo menos nos relatos de caso de Masters e Johnson, sofre de problemas que seriam familiares a Freud em seu conteúdo simbólico), ou pode haver uma falha na coordenação do ciclo de excitação sexual entre o casal. Convém observar que todos esses problemas estiveram presentes na experiência de primeiro coito que descrevi num ponto anterior deste capítulo e que são comumente resolvidos ou controlados em situações não-terapêuticas. A qualidade dessas soluções é claramente variável, mas há pelo menos algumas pessoas que atravessam esse processo inci-

piente e desordenado de socialização até chegar ao que elas, pelo menos, encaram como satisfação. Em parte, é bem possível que esse nível de satisfação seja uma orientação nascida do desespero – o casal concorda, secretamente, que aquilo que alcançou é o melhor que se pode esperar nas circunstâncias vigentes. É óbvio que a maioria das culturas ocidentais tem padrões muito baixos de virtuosidade sexual. Aliás, o virtuosismo na sexualidade é comumente definido como ninfomania ou dom-juanismo.

Embora os tratamentos específicos das disfunções variem nessa abordagem clínica, há um núcleo comum de permissividade geral (a conduta sexual não é suja nem errada). Os terapeutas ensinam técnicas sexuais específicas, atentando simultaneamente para elementos que se tornarão secundários, sem cuidar diretamente do componente de desempenho que se mostra disfuncional. Os casais são instruídos a não tentar concluir todo o ciclo de excitação sexual, mas a atentar para os elementos de erotismo geral ou para a aprendizagem de habilidades específicas. Ao mesmo tempo, há uma revisão de componentes específicos do roteiro, quando eles interferem no desempenho; por exemplo, ensinam-se técnicas de massagem às pessoas inibidas em relação ao próprio corpo, e as pessoas incapazes de lidar com a concretude do corpo são expostas a situações de aprendizagem em que a exploração corporal é permitida. Há uma desatenção deliberada para com a conclusão de toda a seqüência da excitação sexual, amiúde até uma proibição dela, a fim de pôr em foco a falta de coordenação.

O importante, nessa ênfase na aprendizagem de habilidades e na mudança simbólica, é que ela destaca a importância do material aprendido na coordenação dos roteiros sexuais e na execução de atos sexuais concretos. Essencialmente, Masters e Johnson interpretaram seus resultados como sendo consequência da liberação de processos naturais, mediante a redução da ansiedade e da autocensura acarretadas por situações de repressão e inibição sexuais. Prefiro dizer que o que eles fazem não é liberar um processo natural, mas empenhar-se na reeducação sexual – um processo mais somatório do que revelador. Essa preferência se baseia na tese anterior de que a

execução bem-sucedida do processo de excitação sexual é um processo sociopsicológico provocado e aprendido, moldado pelas condições culturais e históricas. Agora, essa ênfase na aprendizagem precisa ser levada para além do campo dos que se dispõem a ser tratados pelo que vivenciam como dificuldades sexuais; tal abordagem também é necessária para um exame dos processos mediante os quais ocorrem desempenhos sexuais competentes, que independem de intervenções terapêuticas, em situações corriqueiras (isto é, nas circunstâncias artificiais de uma cultura específica e de um momento da história, que são apenas transitoriamente algo que podemos chamar de "naturais").

Com respeito às motivações, é importante assinalar um outro problema. A conduta sexual compartilha com outros aspectos da conduta humana o dilema das divergências dos roteiros e das motivações práticas entre as partes implicadas nos mais exitosos desempenhos concretos. Homens e mulheres podem unir-se sexualmente em nome de objetivos e motivações práticas que envolvam o amor ou a lascívia, a exploração ou a comiseração, o auto-engrandecimento ou a auto-aversão e, mesmo quando existem as mais amplas diferenças de roteiro, podem conseguir entregar-se ao que ambos vivenciam como uma atividade de extremo sucesso. As motivações de ordem prática são uma parte variável do roteiro, mas, uma vez aprendidas as habilidades secundárias, é possível as pessoas executarem um repertório sexual convencional concreto com toda a graça irrefletida de quem dança um minueto. Esse sucesso, no entanto, não nos deve cegar para a importância dos roteiros sexuais, pois eles existem como uma ponte, como recursos heurísticos de sustentação, para promover novas condutas e solucionar problemas de falta de coordenação. Sua flexibilidade permite que passemos de uma situação para outra e que reconheçamos por que uma situação é idêntica a uma outra, ou por que uma terceira situação é diferente. O roteiro é crucial, já que é com a sua utilização ou sua mudança que se administram as defasagens na vida concreta e se atingem níveis de virtuosismo. Isso está implícito numa inscrição que encontrei numa parede de banheiro (ali atribuída a John Barth): "A técnica

na arte é como a técnica no amor: a imperícia sincera e autêntica tem lá seus atrativos, assim como a perícia fria e insensível, mas o que se deseja é o virtuosismo apaixonado." Todas essas características são possíveis na relação entre nossos roteiros sexuais e nossos atos sexuais concretos. O casal ficcional que descrevi se caracterizou pela primeira técnica, temos profundas reservas culturais quanto à segunda e a última talvez represente os limites de nossa visão pessoal e cultural de hoje.